



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ENSINO
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM FORMAÇÃO DOCENTE E
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**



DEISIANE SANTOS DE JESUS

**O CINEMA NA SALA DE AULA: UMA ESTRATÉGIA DE LEITURA DA
LITERATURA.**

JEQUIÉ-BA

2021

DEISIANE SANTOS DE JESUS

O CINEMA NA SALA DE AULA: UMA ESTRATÉGIA DE LEITURA DA LITERATURA

Artigo apresentado ao curso de Pós Graduação *Lato Sensu* em Formação Docente e Práticas Pedagógicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia- campus Jequié, para fim avaliativo do Componente Curricular “Trabalho de Conclusão de Curso” como parte dos requisitos para obtenção do título de Especialista em Formação Docente e Práticas Pedagógicas.

Orientador: Prof. Ms. Marine Souto Alves

JEQUIÉ-BA
2021

DEISIANE SANTOS DE JESUS

**O CINEMA NA SALA DE AULA: UMA ESTRATÉGIA DE LEITURA DA
LITERATURA**

Artigo apresentado ao curso de Pós Graduação Lato Sensu em Formação Docente e Práticas Pedagógicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia- campus Jequié, para fim avaliativo do Componente Curricular “Trabalho de Conclusão de Curso” como parte dos requisitos para obtenção do título de Especialista em Formação Docente e Práticas Pedagógicas.

Aprovada em 02/06/2021

BANCA EXAMINADORA



Docente Ms.^a Prof.^a Marine Souto Alves

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - campus Jequié



Docente Ms.^a Prof.^a Fabiana Correia Moura

Secretaria Estadual de Educação – Bahia



Docente Dr.^a Prof.^a Solange Alves Perdigão

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia- campus Barreiras

RESUMO

A humanidade caminha a passos largos em direção a apropriação do uso da tecnologia. Conseqüentemente, a escola não poderia olvidar essa que tem sido um dos pilares da educação moderna. Do mesmo modo, o ensino de línguas está sendo diretamente influenciado por esse processo tecnológico, sobretudo, sua relação com a leitura. Assim sendo, esta pesquisa objetiva analisar em que medida o uso da mídia cinematográfica pode corroborar no processo de leitura da Literatura Brasileira, tornando-se assim, uma estratégia importante no processo de ensino-aprendizagem e incentivando a leitura de obras literárias. Por conseguinte, torna-se também um facilitador da compreensão e da possibilidade de “leituras de mundo”, aproximando os estudantes dessa linguagem no espaço escolar e fora dele. Nesse sentido, o presente artigo traz ainda uma Sequência didática visando a análise (leitura e interpretação) da adaptação literária do conto “A terceira margem do rio” (1962), de João Guimarães Rosa, para o cinema, com o filme homônimo (1994), dirigido por Nelson Pereira dos Santos, com vistas a possibilitar uma entre tantas vertentes que podem ser trabalhadas em aulas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Para a construção dessa pesquisa serão integrados a ela a análise intersemiótica: obra literária e filme supracitados. Para tanto, recorreu-se a uma abordagem qualitativa, pautada na elaboração de uma Sequência Didática, baseada na análise das narrativas literária e fílmica, tendo como base o método dedutivo.

PALAVRAS-CHAVE: LEITURA. LITERATURA. CINEMA. EDUCAÇÃO.

Uma parte de mim é todo mundo. Outra parte é ninguém, fundo sem fundo.
Uma parte de mim é multidão. Outra parte estranheza e solidão. Uma parte
de mim pesa, pondera. Outra parte delira. Uma parte de mim almoça e janta.
Outra parte se espanta. Uma parte de mim é permanente. Outra parte se
sabe de repente. Uma parte de mim é só vertigem. Outra parte linguagem.
Traduzir uma parte na outra parte, que é uma questão de vida e morte, será
arte?
(In. GULLAR, Ferreira. Na vertigem do dia (1975-1980), São Paulo, Cia das
Letras, 1990.)

INTRODUÇÃO

Entende-se que a percepção do processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa e Literatura perpassa por questões sociais, culturais, filosóficas e históricas, fazendo-se necessário que esse ensino seja ofertado de maneira a contemplar, da forma mais completa possível, todos esses aspectos, desde o ingresso desse aluno no ambiente escolar, estendendo-se à continuidade de sua vida social.

Para tanto, o referido estudo objetiva investigar o processo de incentivo da leitura de obras literárias por meio da relação entre literatura e cinema na sala de aula, a fim de validar a utilização da mídia cinematográfica como estratégia de leitura da linguagem literária. Haverá, ainda, por meio de uma Sequência Didática, a análise (leitura e interpretação) da adaptação literária do conto “A terceira margem do rio” de João Guimarães Rosa, para o cinema, com o filme de mesmo nome, dirigido por Nelson Pereira dos Santos, com vistas a possibilitar uma, entre tantas vertentes, que podem ser trabalhadas em aulas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira.

Nesse sentido, esse estudo justifica-se pela necessidade de implementação de novas estratégias para o ensino da Língua Portuguesa e Literatura, uma vez que, sendo uma das mais importantes ferramentas de convívio, comunicação e, conseqüentemente, inserção social, o processo de leitura, sobretudo a leitura de obras literárias que trazem consigo grande panorama social e histórico do país, precisa ser constantemente revisto, a fim de garantir ao educando, múltiplas possibilidades de ver e se posicionar dentro e fora do âmbito escolar, haja vista que, os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) já preveem que “A escola tem importante papel a cumprir na sociedade, ensinando os alunos a se relacionarem de maneira seletiva e crítica com o universo de informações a que têm

acesso no seu cotidiano.” (BRASIL, 1998, p. 139). Do mesmo modo, mais atualmente, a Base Nacional Comum Curricular –BNCC (2017) traz também uma espécie de humanização do espaço escolar, ao menos é o que se teoriza, e:

Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades. (BRASIL, 2017 p. 11)

A necessidade de implementação de novas metodologias e recursos se dá, também, muito por conta da realidade tecnológica vivida atualmente, isto é, cada vez mais, as mídias tem adentrado o ambiente escolar e, por isso, deve-se considerar os múltiplos letramentos que surgem da necessidade social, cultural e histórica vividas. Sobre isso, Rojo (2001) afirma em “Letramentos múltiplos, escola e inclusão social” que,

[...] as mudanças fazem ver a escola de hoje como um universo onde convivem letramentos múltiplos e muito diferenciados, cotidianos e institucionais, valorizados e não valorizados, locais, globais e universais, vernaculares autônomos, sempre em contato e em conflito, sendo alguns rejeitados ou ignorados e apagados e outros constantemente enfatizados (ROJO, 2001, p. 106).

E, tendo em vista essa crescente ascensão das novas tecnologias em todo o mundo, a necessidade de utilizar-se dela como suporte à uma melhora no sistema educacional como um todo se faz cada vez mais imprescindível, uma vez que, como afirma Moran (2007) em “Desafios na Comunicação Pessoal”,

A televisão, o cinema e o vídeo, CD ou DVD - os meios de comunicação audiovisuais - desempenham, indiretamente, um papel educacional relevante. Passam-nos continuamente informações, interpretadas; mostram-nos modelos de comportamento, ensinam-nos linguagens coloquiais e multimídia e privilegiam alguns valores em detrimento de outros (MORAN, 2007, p. 162).

Dentre essas questões, o cinema, enquanto linguagem, tem se mostrado uma maneira possível a se repensar os caminhos estabelecidos entre a teoria e a prática pedagógica do ensino da Língua Portuguesa, mais precisamente aqui no processo de leitura da literatura brasileira, pois, quando se estimula a capacidade leitora, melhora-se, concomitantemente, a capacidade linguística dos alunos, bem como seu rendimento em todo âmbito educacional. Napolitano (2006) corrobora a ideia de que

a utilização do gênero cinema na sala de aula agrega em muito no que diz respeito a reaquisição cultural, uma vez que nele a expressão estética do social, do cotidiano se materializa e se difunde mais amplamente numa só obra. (NAPOLITANO, 2006, p. 11).

É sabido que a utilização da mídia cinematográfica em sala de aula por si só não promoverá efeitos desejáveis, a menos que isso seja feito com o fundamento pedagógico necessário, pois o que pretende ser um recurso facilitador pode se transformar em um ensino raso e despreparado, se não for embasado e contextualizado às práticas educativas de maneira concreta e eficiente. Barbero (1996) já alertara para as consequências da má utilização de recursos tecnológicos em sala de aula, a saber,

A simples introdução dos meios e das tecnologias na escola pode ser a forma mais enganosa de ocultar seus problemas de fundo sob a égide da modernização tecnológica. O desafio é como inserir na escola um ecossistema comunicativo que contemple ao mesmo tempo: experiências culturais heterogêneas, o entorno das novas tecnologias da informação e da comunicação, além de configurar o espaço educacional como um lugar onde o processo de aprendizagem conserve seu encanto. (BARBERO, 1996, p.12).

Esse posicionamento de Barbero nos leva a pergunta: o uso da mídia cinematográfica na sala de aula é conhecimento ou apenas entretenimento? Ora, se bem direcionado e planejado, o cinema pode sim ser usado como recurso pedagógico na busca por aproximar a prática da leitura ao aluno. E como um recurso lúdico, facilitar e ampliar a visão de mundo, de modo a desenvolver a imaginação, colocar mais assuntos em diálogo e as próprias impressões e comparações do aluno com o que foi visto e dito na literatura impressa.

Para isso, essa pesquisa se sustenta numa abordagem qualitativa a partir da sequência didática, que de acordo com o artigo, “Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento”, consiste em: “[...]um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” (DOLZ, NOVERAZ e SCHNEYWLY, 2004, p. 97).

Segundo Pedro Demo, a pesquisa qualitativa busca atuação em níveis de realidade, na qual os dados trazem à tona indicadores e tendências observáveis (DEMO, 1999). Por isso, o caminho percorrido para desenvolver este trabalho baseou-se em dados bibliográficos para estruturação da teoria; uma vez que geralmente eles armazenam grande quantidade de informação.

Assim, este trabalho também se propõe a desenvolver uma Sequência Didática, pois pretende lançar mão de uma organização de atividades com as quais seja possível tornar as aulas de literatura nacional mais atrativas para o aluno, incentivando o hábito da leitura e o desenvolvimento do senso crítico.

Tudo isso implicará na leitura e releitura críticas sobre o corpus da pesquisa, de modo a analisá-lo, tendo em vista o método dedutivo, partindo do geral para o particular, (DEMO, 1999); escolha do tema, seleção do suporte teórico e leitura de autores, pesquisadores e críticos, assim como anotações e fichamentos, redação; digitação; revisão; exposição oral e entrega do artigo, que visa construir uma Sequência Didática: Leitura e interpretação em A TERCEIRA MARGEM DO RIO, conto de João Guimarães Rosa, escrito em 1962, com características coincidentes com a terceira fase do Modernismo e traduzido intersemioticamente para o filme homônimo, 1994, dirigido por Nelson Pereira dos Santos, em cores e com duração de 98 minutos, como possível prática metodológica da teoria a ser analisada.

Sendo assim, o intuito dessa pesquisa em investigar sobre a eficiência da utilização da mídia cinematográfica em sala de aula enquanto estratégia incentivadora no processo de leitura de Literatura para alunos do 7º ano do ensino fundamental será fundamentada nos teóricos, Eni Pulcinelli Orlandi, Marcos Napolitano, Jesús Martín Barbero, Irandé Antunes, Magda Soares, Marisa Lajolo, René Wellek, Austin Warren e Izabel Solé, entre outros que abordam a questão da leitura, da literatura, bem como a utilização do cinema na sala de aula.

A LEITURA E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

É sabido que a educação tem desempenhado cada vez mais importante papel na vida das pessoas, uma vez que por ela perpassam questões dos mais variados aspectos da vida humana. Diante disso, o espaço escolar tem sido cada vez mais responsável pela formação de indivíduos que se pretendam capazes de apreender e depreender sobre os diversos assuntos e sua relevância na realidade em que estão inseridos.

Desse modo, é necessário que se exerça uma educação pautada na atualização e capacitação, tanto dos alunos quanto dos professores, a fim de garantir a eficiência e eficácia do ensino ofertado, de modo a não apenas inserir, mas acompanhar todo o processo de ensino-aprendizagem de acordo as

necessidades e mutabilidades que surgem. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) alertam para isso,

Uma análise da conjuntura mundial e brasileira revela a necessidade de construção de uma educação básica voltada para a cidadania. Isso não se resolve apenas garantindo a oferta de vagas, mas sim oferecendo-se um ensino de qualidade, ministrado por professores capazes de incorporar ao seu trabalho os avanços das pesquisas nas diferentes áreas de conhecimento e de estar atentos às dinâmicas sociais e suas implicações no âmbito escolar. (BRASIL, 1998a, p. 9).

A BNCC também traz muito presente essa questão da interatividade, da conectividade e do acesso à internet como forma de garantir a qualidade e eficiência do ensino em sua continuidade. Visto que nos dias atuais não se pode mais negar a necessidade da utilização das mídias digitais e o poder que a internet impõe a todo o sistema educativo. Sem contar, é claro, nas inúmeras vantagens que os meios tecnológicos proporcionam ao dia a dia escolar e conseqüentemente ao ensino-aprendizagem. Muito por isso, está presente em várias vertentes, como é o caso exposto em um dos aspectos das Competências Gerais da BNCC, (2017):

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. (BRASIL, 2017, p. 7).

Nesse sentido, é importante que se analise aqui a leitura da literatura enquanto primordial no processo de aprendizagem. Isto é, em que medida o ensino-aprendizagem é comprometido por falta de assiduidade e eficácia na leitura de obras literárias. E quando se fala aqui de leitura, é sobre toda capacidade leitora que o indivíduo pode desenvolver a partir também da leitura de mundo.

Entendendo que a Literatura Brasileira abarca temas e questões importantes sobre a cultura e o contexto histórico de cada época, entende-se que a sua leitura oferta aos alunos possibilidades de conhecimento de outros momentos, que aliado aos conhecimentos já existentes, constrói uma rede de base para a compreensão de novos sentidos. Como está posto na Base Nacional Comum Curricular – BNCC, (2017).

Se a linguagem é comunicação, pressupõe interação entre as pessoas que participam do ato comunicativo com e pela linguagem. Cada ato de linguagem não é uma criação em si, mas está inscrito em um sistema semiótico de sentidos múltiplos e, ao mesmo tempo, em um processo discursivo (BRASIL, 2017, p. 59).

E esse tem sido um dos maiores desafios em se tratando de leitura de literatura impressa, é sabido que principalmente no 2º ciclo do ensino fundamental (5º ao 9º ano) e até mesmo no ensino médio há muita heterogeneidade nas salas de aulas, e que essas salas são compostas por alunos vindos de realidades muito distintas. Além disso, pelos mais diversos motivos, esses alunos não têm conseguido fazer sequer a decodificação das palavras sem maiores limitações. Apesar de ser do conhecimento dos agentes da prática pedagógica que a leitura perpassa a simples decodificação do signo linguístico, é sempre bom lembrar que está para além disso, mas é preciso que haja análise e compreensão para que as habilidades sejam plenamente desenvolvidas.

De acordo com Isabel Solé (1988), as estratégias de leitura são os instrumentos necessários ao desenvolvimento da leitura proficiente, uma vez que ao utilizá-los é possível uma melhor compreensão e interpretação com maior autonomia dos textos lidos, e ainda pretende despertar o professor para a importância em desenvolver um trabalho efetivo no sentido da formação do leitor autônomo, crítico e reflexivo.

Nesse sentido, como Freire (1989), entende-se que a leitura de mundo se antepõe a leitura da palavra, e para isso, é importante que se aprenda a perceber a ler um texto antes mesmo de seu contato textual, é o ver nas entrelinhas, além do que está posto, o subtendido, é perceber os intertextos. Tudo isso são estratégias de leitura que constroem os significados da leitura. (FREIRE, 1989, p. 11).

O CINEMA COMO ESTRATÉGIA DE LEITURA DA LITERATURA

Leitura, literatura e cinema são temas aparentemente comuns, mas quando analisados sob a ótica de uma combinação educativa, cabe a reflexão e a análise de como, nos dias atuais, cada vez mais audiovisuais, essa junção pode sair da zona comum a que tem sido submetida e utilizada, para um potencializador no processo de ensino-aprendizagem, que esteja pautado na atualização constante e no dinamismo a que o ensino tem exigido, principalmente nas questões da Língua. Segundo Ribeiro (2002):

Educar quer dizer contribuir para o desenvolvimento harmonioso de uma pessoa por meio de boas relações com a realidade em que tal pessoa vai vivendo. Assim, a educação não pode ser concebida como qualquer coisa estática, à margem da experiência concreta do educando. Todos os

estímulos, todas as componentes de tal experiência devem ter lugar na atividade educativa quotidiana. (RIBEIRO, 2002, p. 46).

E é no ensino da linguagem que a problemática tende a aparecer. Os desafios da leitura de obras literárias se dá por vários motivos, alunos desinteressados, realidade socioeconômica que dificulta o acesso a várias possibilidades de leituras, ensino comprometido por práticas de leitura engessadas e pouco dinâmicas, entre outras. Contudo, apesar das causas, é dever da escola e de seus agentes, bem como da família, o compromisso com a formação integral e eficaz de cada aluno, embora se saiba que cada vez mais esse papel formativo tem recaído apenas sobre a escola, o que por si só já é uma das causas da má formação leitora dos alunos no contexto e realidades vividas.

Logo, conhecendo toda essa realidade, desde os problemas dos alunos com a leitura literária até as consequências que isso trará em toda sua trajetória acadêmica e social, o professor de Língua Portuguesa não pode olvidar ao uso de novas metodologias que possam abranger o novo mundo desse alunado, dispondo-se das novas práticas de conhecimento, principalmente considerando a base tecnológica em que é formada essa nova geração. Segundo Quental e Dias (2005),

[...] o alunado se compõe de um público formado na virtualidade. Trata-se de uma geração net, em que telas de computador ou de televisão fazem parte do ambiente doméstico, em que não se consegue imaginar um mundo sem máquinas e em que as culturas se difundem com velocidade inédita. Paralelamente, há o benefício da multimodalidade, em que imagens ou sons se mesclam às palavras, ampliando as possibilidades de comunicação. (QUENTAL E DIAS, 2005, p. 32)

Consequentemente, os professores, em contínuo processo de formação, em suas salas de aula, dedicam-se à leitura das obras que trazem o contexto histórico-social de várias épocas com vistas à contribuição da leitura de obras de outras épocas, por meio de mídias cinematográficas como estratégia de ensino. Aqui entra em contexto o uso de obras cinematográficas como auxílio e estratégia de suporte à leitura das obras literárias. E como Todorov (1964-69) já apontava, a literatura tem o benefício de já ser naturalmente apta à exploração de todo campo semântico da linguagem, o que facilita amplamente sua tradução, adaptação à linguagem cinematográfica.

A literatura goza, como se vê, de um estatuto particularmente privilegiado no seio das atividades semióticas. Ela tem a linguagem ao mesmo tempo ponto de partida e como ponto de chegada; ela lhe fornece tanto sua configuração abstrata quanto sua matéria perceptível, é ao mesmo tempo mediadora e mediatizada. A literatura se revela, portanto, não só como o

primeiro campo que se pode estudar a partir da linguagem, mas também como o primeiro cujo conhecimento possa lançar uma nova luz sobre as propriedades da própria linguagem. (TODOROV, [1964-69], 2011, p.54).

Embora muitas sejam as críticas às adaptações cinematográficas de obras literárias, devido a não literariedade e desvalorização do cinema enquanto arte que possa comportar a expressão do texto literário, é exatamente a diferença que exerce que faz surgir uma nova obra, mesmo criada em contexto histórico e social diferente em relação à obra traduzida. Dick (1990) fala que não há fidelidade em tradução. E WELLEK, WARREN (Teoria da Literatura: Publicações, s/d), afirmam que:

[...] reações individuais de um leitor ou de um espectador [que] se contentem com descrever alguma semelhança emocional nas nossas reações às duas artes nunca se poderão prestar a uma verificação e, portanto, a um avanço construtivo dos nossos conhecimentos. (WELLEK, WARREN. s/d)

Assim, toda nova leitura e interpretação tem um ponto de partida diferente. Como fenômenos, as técnicas de reprodução são distintas, mas em crescente intensidade (BENJAMIN, [1936], 1987). Diante disso, entende-se, não apenas como possível, a tradução de uma obra literária numa obra cinematográfica, como também se considera extremamente relevante seus resultados na utilização do ensino da literatura.

[...] em princípio, a obra de arte sempre foi suscetível de reprodução. O que seres humanos fazem pode ser imitado por outros. Os estudantes copiavam obras como forma de se exercitar, os mestres as reproduziam para divulgá-las, e finalmente outras pessoas as copiavam para ganhar com isso. Diferentemente, as técnicas de reprodução são um fenômeno. (BENJAMIN, [1936], 1987, p.176).

Contudo, é necessário que se aprofunde o entendimento individualizado dessas duas expressões da arte, para que se possa entender como, por meio da relação entre elas, mais especificamente, a transformação, transmutação de uma sobre a outra, pode favorecer o gosto, o hábito e a prática da uma leitura crítica e reflexiva. E para entender a significação desse processo, é preciso entender os contextos históricos que transcendem as obras literária e cinematográfica, com intuito de harmonizar ensino e aprendizagem, e ainda, perpetuar a historicidade da cultura vista nas obras literárias.

Considera-se que a literatura ocidental surge com a Odisseia e Ilíada no século VIII a.C., poemas de Homero. Note-se que a este tempo não era ainda conceituada como literatura, mas como Poesia, uma vez que a função desses textos

era demonstrar a beleza das palavras e entreter aos grandes da nobreza. Literatura estava desde então entrelaçada com a cultura da época produzida.

Marisa Lajolo (2001) traz a questão do que seria ou não considerada obra literária e admite que esta seja uma pergunta complicada, por se ter várias respostas, e que cada grupo social em sua época tem suas definições, para uso interno daquele grupo ou daquele tempo. Jonathan Culler (1999) considera que “às vezes o objeto tem traços que o tornam literário, mas às vezes é o contexto literário que nos faz tratá-lo como literatura”. (CULLER, 1999, p. 34). Desse modo, juízos críticos a respeito do tipo de linguagem empregada, das intenções do autor, dos temas e assuntos de que se tratam os textos literários produzem efeitos aos leitores que variam com o tempo desde Platão. Antoine Compagnon (2001) ratifica, “no sentido restrito, a literatura (fronteira entre o literário e o não literário) varia consideravelmente segundo as épocas e as culturas”. (COMPAGNON, 2001, p. 32.)

Na atualidade, com conceito de obra literária sendo mais vasto, isto é, de variados textos literários, o efeito causado ao leitor sobre a literatura é que suas funções estão mais ampliadas, como Zilberman (2008) expõe, a literatura “aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior, mas suscita um posicionamento intelectual.” (ZILBERMAN, 2008, p.23).

Nesse sentido, a leitura de uma obra literária tem se constituído cada vez mais em um processo de harmonia entre o adentrar o espaço individual e distinto desse leitor, sem, contudo, deixar de lado a subjetividade histórica que esse texto traz.

Sabendo que o momento já traz uma nova possibilidade de leitura ou releitura, de utilização das imagens em movimento e que hoje em dia qualquer pessoa pode se tornar um criador de conteúdo audiovisual, por que a educação não se apropria disso enquanto ferramenta que possibilite ampliação da capacidade leitora? A partir desse questionamento, há outro que se faz pertinente e complementar à primeira, seria o uso da mídia cinematográfica em sala de aula mesmo capaz de proporcionar maior interesse à leitura da literatura impressa? Morin (1997) identifica que o processo psicológico que o ser humano projeta e identifica está também presente na relação que se tem com as imagens cinematográficas, isto é, o processo de cognição está relacionado à abstração da realidade e sua representação imagética em pensamento.

Portanto, nesse estudo da educação e da literatura associada ao cinema, o aluno enquanto leitor da literatura impressa tem sobre o papel as possibilidades de apreensão naquele momento, no entanto também é possível a esse aluno outra forma de leitura, aquela que se pode fazer sob a ótica da arte das telinhas ou telonas, com a inserção de fatores que não estão presentes na obra escrita, isto é, a imagem, os sons, as cores que se encorpam e ganham forma, mas que podem se formar subjetivamente com o proceder da leitura do escrito.

Esse aluno leitor que passa a gostar da obra cinematográfica se torna também expectador e assim faz parte de um processo ressignificado de leitura. Não que deixe de lado a leitura da literatura escrita, mas adiciona a ela as sensações vistas, ouvidas do que foi apreendido pela obra cinematográfica. Desse modo, passa a estabelecer relação entre as obras de arte literária e a obra cinematográfica e a deter maior percepção imagética e sonora, dando mais significado a junção entre as percepções das duas modalidades de leituras. Sobre isso, Plaza (2003) pontua a tradução intersemiótica como intercurso dos sentidos e considera “relevantes às relações entre os sentidos, meios e códigos.” (PLAZA, 2003, p.45). Ainda sobre essa relação que há no processo de adaptação, Diniz (1998) pontua,

[...] temos outros exemplos de tradução intersemiótica. Um deles é a relação entre textos dramáticos e filmes. Também entre esses textos existe a simultaneidade verbal e visual, porém, nesse caso, bem mais aparente. Os textos se baseiam em palavras e imagens, o que ilustra a simultaneidade, já apontada, dos elementos verbal e visual, embora um deles sempre predomine. (DINIZ, 1998, p. 314).

De modo que, pode-se entender na leitura que se faz da história, uma perspectiva que avança para além do presente. E “é pela leitura que damos sentido e reanimamos o passado” (PLAZA, 2003, p. 2). Assim tem-se na leitura uma forma de tradução do passado, uma vez que na literatura não existem conceitos que se perdem, mas a possibilidade de uma releitura, uma incorporação ao que agora se faz presente no cenário literário. De sorte que, “é a visão da história como linguagem e a visão da linguagem como história que nos ajudam a compreender melhor estas relações.” (PLAZA, 2003, p. 2).

E apesar de se saber que a literatura tem a ver com a palavra escrita, erudita e a arte de escrever, e como se vê em Todorov, “[...] é uma linguagem não instrumental e o seu valor reside nela própria.” (TODOROV, 2010), vale ressaltar que ela é também uma linguagem verbal, e há de se pensar que o ensino da língua não pode se dar fora desse lugar de comunicação. Como afirma Centeno (1986), “o

texto literário resulta de uma vontade de comunicação” (CENTENO, 1986, p.34). Assim sendo, o processo de leitura por si mesma não pode ser despreziosa e desatenta, é necessária uma competência leitora que agregue além do que se vê escrito a capacidade de interpretar e ativar os subsunsores (AUSUBEL, [1963], 2003) existentes sobre o conteúdo exposto. E essa tem sido há tempos uma das maiores problemáticas à compreensão leitora dos alunos, conforme mostram COLOMER e CAMPS (2011).

Segundo o National Assessment of Educational Progress (NAEP), em seu informe sobre a leitura em 1984, 40% dos alunos norte-americanos de 13 e 16% dos de 17 anos não haviam adquirido as habilidades de leitura necessárias para fazer inferências e formular generalizações nos textos de diferentes áreas de conteúdos. Mais débil ainda eram suas capacidades de reagir criticamente ou para elaborar interpretações que mais tarde lhes permitissem confrontar argumentos. (COLOMER e CAMPS, 2011, p.70).

Desse modo, considera-se para o progresso da competência leitora e literária, não apenas o aprender a ler, mas a significação capaz de ser feita por meio das diversas leituras. Para isso, seria necessário situar um parâmetro que forneça continuidade às aprendizagens literárias, de modo significativo, e ainda, que se promova a cognição literária necessária ao desenvolvimento da “destreza leitora”. (ROCKWELLE, 1982, p.76).

E por perceber e considerar como objetivo à educação leitora e literária a contribuição à formação do indivíduo, formação essa que está diretamente relacionada à construção social dele mesmo e ao coletivo, pensa-se uma educação feita por meio da comparação com textos que mostram a maneira como eram e são abordados a estimativa da atividade humana mediada pela linguagem.

E é a partir dessa reflexão sobre literatura e leitura que as mídias digitais são aqui inseridas, no sentido de como as mídias cinematográficas se articulam nesse conjunto “literatura-leitura-cinema”.

A priori, é preciso que haja uma breve conceituação, a fim de verificar a origem e semânticas empregadas para tal nomenclatura. Assim, ‘Mídia’ é o plural de *medium*, que no singular quer dizer: meio, veículo, canal. De acordo com Melo e Tosta (2008) há uma relação entre os brasileiros e a mídia que vai além do significado literal da palavra, isso porque teria relação direta com a indústria de bens simbólicos.

A história das mídias começa por volta de 1808, com a invenção da imprensa, mas só em 1896, surgem as primeiras imagens do cinema. Aqui no Brasil só em

1898, no Rio de Janeiro. Depois disso, o desenvolvimento midiático no país se deu com mais celeridade, e por volta de 1919 a 1922, com a introdução do rádio, cerca de 30 anos depois a televisão e só em 1985 a cibercomunicação alcança a era dos computadores.

As mídias cinematográficas aparecem no contexto do avanço entre cinema e tecnologia, e são posteriormente inseridas nas aulas a fim de auxiliarem as práticas pedagógicas.

O campo que une educação e comunicação representa um novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes e efetivos cidadãos. Já é consensual que a constituição desse campo é uma tarefa complexa, pois exige o reconhecimento da mídia como um outro lugar do saber, que condiciona e influencia, juntamente com a escola e outras agências de socialização, o processo de formação dos indivíduos. (MELO e TOSTA, 2008, p.49).

[...] reafirmamos que se faz necessário, nos tempos atuais, pensar a Educação com uma perspectiva comunicativa. Mais do que isso, pensá-la como uma instância de produção de conhecimento que saiba lidar com os processos comunicacionais, incluindo todo o aparato midiático disponível na sociedade. A análise de diferentes formas e conteúdos midiáticos poderá fornecer elementos significativos para o gestor, para o professor e para o aluno em sala de aula e nos múltiplos espaços de que a escola dispõe, na medida em que esse professor mediador estiver inteirado dos processos de produção cultural que se apresentam na mídia. (MELO E TOSTA, 2008, p. 60 e 61)

Assim, percebe-se que a utilização do recurso cinematográfico, quando empregada para associação e não como único modelo de leitura será uma via de acesso à prática criativa e crítica das produções e reproduções, da leitura e metacriação. (PLAZA, 2003, p.14)

No entanto, é imprescindível ressaltar que o fato de aqui se abordar a importância da obra cinematográfica (tradução intersemiótica) como estratégia nas aulas de literatura; não dispensa a total necessidade da leitura da obra literária. Destaque-se que a obra cinematográfica não pode ou deve ser usada como subterfúgio à fuga da leitura, muito menos ser usada para camuflar o aprender. Colomer (2007) corrobora essa ideia ao afirmar que o ensino da literatura deve considerar as mudanças culturais quando do seu exercício no contexto escolar,

[...] o sistema literário como tal teve que posicionar seu espaço e sua função social em relação aos novos sistemas culturais e artísticos. Não é portanto estranho que o ensino de literatura ficasse profundamente afetado pelo fato de que as ideias sociais a respeito de sua função e aos hábitos de consumo cultural – incluídas as dos próprios alunos – se tornassem diferentes daquelas assumidas pelas gerações anteriores. (COLOMER, 2007, p.22).

Por isso também, a linguagem cinematográfica tem se mostrado uma boa maneira de trabalhar esse processo de compartilhar sentimentos, afetos, emoções, uma vez que pelo uso do cinema se pode acionar mais facilmente o cognitivo dos alunos/espectadores. Para além disso, o audiovisual tem a capacidade de representar o imaginário, fazendo essa transposição do que seria físico nas narrativas para a materialização imagética da coisa. O que acaba por aproximar mais ainda dos alunos/telespectadores a então realidade histórica abordada na Literatura Brasileira. E, por conseguinte, oportuniza maior interesse e melhor apreensão do conteúdo proposto.

Em suma, tanto a obra literária quanto a produção cinematográfica estão em constante atualização da garantia de ocupar seu lugar na prática do ensino docente e da aprendizagem discente.

O CONTO “A TERCEIRA MARGEM DO RIO” E A SUA ADAPTAÇÃO PARA O CINEMA: UMA ANÁLISE

O conto, A Terceira Margem do Rio, faz parte da obra Primeiras Estórias, e é considerado o mais famoso de Guimarães Rosa (1999); a primeira edição é do ano de 1962. Nele, o personagem de Guimarães Rosa adentra a canoa e fica no paradoxo entre uma e outra margem do rio, na terceira margem, e a partir da leitura do conto, pode-se fazer uma análise metafórica da cultura que ali se apresenta, que recorra a psicanálise e até mesmo ao transcender, todas cabíveis.

A simbologia que o “rio” apresenta no supracitado conto, o torna em demasiado intrigante e tem sido objeto de estudos tanto no Brasil quanto no exterior, uma vez que desperta tantas indagações e interpretações.

As duas margens físicas do rio podem representar, metaforicamente, a morte e a vida. A morte em: “Largo, de não se poder ver a forma da outra beira” (ROSA, 1999, p.83), e a vida pode ser expressa em: “Nossa casa, no tempo, era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua.” (ROSA, 1999, p.83).

O espaço é concretamente marcado pelo rio, com cenário ruralista, de onde saem as primeiras impressões do que seja o transcender pelo cenário em que passam a vida e corre o rio.

Embora se mostre bastante cronológico, o tempo em “A terceira margem do rio”, também é demarcado pelo caráter psicológico. Nota-se isso por meio das impressões intensas do narrador, bem como pela maturidade expressa no decorrer de um longo período que é toda a vida do narrador.

Quanto aos personagens, há o filho, que é narrador-personagem, e o pai, descrito como um homem que “virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, magro, preto de sol e coberto de pelos, com aspecto de bicho, quase nu, mesmo dispondo das peças de roupa que a gente, de tempos em tempos, fornecia”, a mãe, o irmão, a irmã, o tio (irmão da mãe), os dois soldados, o mestre, os jornalistas e o Padre. Percebe-se no pai, uma forte disposição a um afastamento, a quietude, de modo que a mãe se faz responsável por conduzir a família. Um dos paradoxos do filho (narrador), se dá ao fato de quando criança, não ter sido aceito para acompanhar o pai em sua jornada. Quando mais velho, o filho novamente teve a oportunidade de estar naquele lugar, mas agora a insegurança e o estranhamento ao “desconhecido” o fazem recuar.

Em relação á estilística empregada por Guimarães Rosa, percebem-se marcas da oralidade, não à toa, mas fundamentadas nos recursos empregados nas frases curtas, bastante coordenadas, que dão o ritmo lento e proporcionam uma leitura pausada. Veja-se: “Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n’água, proava para cá concordando”. (ROSA, 1999, p.61). Note-se que há uma sintaxe refeita, de maneira um tanto quanto diferente, o que pode causar certo estranhamento a priori, como se vê em: “nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmos, a escuridão, daquele”. (ROSA, 1999, p.61). Outra marca do estilo rosiano no conto é a repetição, “e o rio-rio-rio, o rio sempre fazendo perpétuo”. (ROSA, 1999, p.61).

O regionalismo é marca presente nos dizeres das personagens que se expressam também por meio dos neologismos a lá Guimarães Rosa. E como que para corroborar a vertente poética da prosa, as figuras de linguagem são bastante empregadas. A exemplo da antítese, “perto e longe de sua família dele” (ROSA, 1999, p.72, da metaforização do próprio rio e da gradação: “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!” (ROSA, 1999, p.72).

Na supracitada fala da mãe em que aparece a gradação, cabe duas interpretações, a primeira é a do distanciamento físico com o afastamento da figura paterna e a segunda se refere ao sentido adquirido de indignação da mãe.

O incomum da obra de Guimarães Rosa se apresenta ao leitor já no título, com a inquietante questão do que poderia ser a terceira margem do rio. E assim, percebe-se a abstração que a expressão traz, um inconsciente, intocável, invisível, mas atrativo.

É nítido que todos esses aspectos da obra de Guimarães Rosa pode trazer certo conflito, mas uma vez que superados as barreiras iniciais, abrem as percepções, bem como o encantamento por esse mundo novo e diferente, expresso na terceira margem. Logo, a abordagem presente no conto é uma maneira de enxergar o mundo fora das margens.

Em relação ao fato de o pai não ter voltado da sua atitude “louca”, o narrador afirma que ele “não tinha ido a nenhuma parte”. (ROSA, 1999, p.73). E que ele poderia estar buscando em seu âmago um autoconhecimento, sendo necessário, para isso, o isolamento, como forma de tentar entender qual o enigma da vida e os segredos que a alma carrega. Toda essa história, traz à tona essa temática de mistério e de um aparente medo do desconhecido. E o rio, claramente sempre foi o elo metafórico utilizado como simbologia da sua mente.

“[...] amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como os sofrimentos dos homens. Amo ainda mais uma coisa de nossos grandes rios: a eternidade. Sim, rio é uma palavra mágica para conjugar a eternidade.” (ROSA, 1999, p.74)

Dois momentos importantes ao enredo e seu entendimento, são expressos pela primeira tentativa do filho (narrador) em estar na canoa de seu pai. Na primeira vez, ainda criança, seu pedido foi negado, e na segunda, já homem feito, imaginando os motivos do pai, intenta a troca de lugar. Diante disso, pela primeira e última vez, o pai se aproxima à margem do rio. Contudo, o filho foge ao se deparar com a imagem do desconhecido que teria que enfrentar. Nisso, se dá o seu fracasso pessoal, uma vez que não foi capaz de entender e aceitar o autoconhecimento e o processo de transcender.

A escrita do conto se deu em tempos instáveis, (fim da 2ª Guerra Mundial, início da era atômica, os ataques em Hiroxima e Nagasaki e início da Guerra Fria), o que refletia significativamente sobre na vertente temática e estilística seguidas e exploradas, bem como nas mudanças literárias, ora positivas, ora negativas.

João Guimarães Rosa se destacava na prosa e um dos motivos é a maneira como sua obra e sua vida se relacionavam de alguma, a tendência por uma

abordagem natural e espontânea dos personagens, como por exemplo, na religiosidade, no misticismo, na possibilidade da morte e na descoberta de uma nova realidade.

O senhor... mire, veja: o mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra montão. (ROSA, 1999, 86).

No que tange ao filme, “A Terceira Margem do Rio” (1994), com direção e produção de Nelson Pereira dos Santos, conta com grande quantidade de imagens nuvistas, passando a ideia do vazio do “pai”. Essa narrativa conta a história de um homem que é considerado louco, por optar pela solitude do rio em contraponto a convivência com sua família e com sua comunidade.

A abertura do filme traz o rio e suas margens bem definidas e enquadradas pela câmera, diferentemente do que diz o conto com “largo, de não se poder ver a forma da outra beira”, mostra-se também um jogo de cores entre o alaranjado e o avermelhado de um entardecer refletidos no rio, mas logo amanhece.



(Cena do filme “A outra margem do rio”, 1994, de Nelson Pereira dos Santos.)

A priori, a família fica inconformada com a atitude repentina do pai, e no filme isso é representado pela busca da religiosidade para trazer o pai de volta, com o padre rezando uma missa a beira do rio.



(Cena do filme “A outra margem do rio”, 1994, de Nelson Pereira dos Santos.)

O passar do tempo, e ele passa de repente, em uma cena que revela a transição da idade do filho (narrador), mostra também como todos, à sua maneira, se acostumaram com tal atitude do pai.



(Cenas do filme “A outra margem do rio”, 1994, de Nelson Pereira dos Santos.)

E a vida segue, de modo que todos se mudam da fazenda onde residiam; a mãe vai embora com a filha que casou-se, e o irmão vai para outra cidade. Apenas Liojorge permanece ali. E, talvez, por não conseguir avançar, por se sentir preso aos misteriosos motivos do pai, acaba por ter uma vida ancorada também na enigmática terceira margem do rio.

Como no conto, no filme, Liojorge (o filho-narrador do conto), que na narrativa cinematográfica está de volta ao sertão, e à margem do rio, chama pelo pai para ocupar o seu lugar na canoa. Então, a primeira sequência do filme, transcodificada do conto, é retomada para sua conclusão, ou seja, a narrativa desse conto foi transformada nas margens, ou na moldura, do texto fílmico. Porém, não há como pensar na sequência da enigmática ação do pai sem relacioná-la com o que há entre suas margens, toda a experiência da família (no sertão e na cidade), da qual Liojorge é o fio condutor.

Percebe-se que a atitude do filho é reflexo da ação do pai, de modo que Liojorge também busca uma terceira margem, a concretização de um projeto utópico. Mas, finalmente, como no conto, o filho desiste do projeto do pai. Liojorge foge da canoa que, se por um lado aproximou o pai dos valores transcendentais que ele talvez buscasse, por outro, alienou-o quase por completo da realidade da primeira margem, da vida em sociedade.

O conto traz à tona o transcender, visto que as margens são o reflexo disso, aliado a imagem do rio em sua movimentação e fluidez, temática recorrente em Rosa. Já no filme, é o enigma do que seria a terceira margem que sustenta a estrutura narrativa. A narrativa cinematográfica apresentada traz como ponto central a representação das imagens da cidade de Brasília, isto é, a proposta de um projeto de desenvolvimento, que seria modelo para o restante do país na época.

Nesse sentido, parece que o diretor de “A terceira margem do rio”, se propõe a uma investigação das consequências do processo de urbanização decorrente daquele projeto para um grupo social específico, o povo sertanejo que passa pelo êxodo rural e mesmo assim continua sendo estigmatizado e deixados à margem. Tudo isso, leva ao entendimento dos aspectos sociológicos da obra de Nelson Pereira dos Santos em contraste com a obra rosiana.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

O material didático produzido durante a pesquisa foi uma sequência didática em que o uso da obra cinematográfica é utilizado como estratégia de leitura da literatura brasileira, com intuito de trazer uma das muitas vertentes possíveis a aplicabilidade da proposta dessa pesquisa.

Espera-se que a aplicação do material didático em sala de aula possa contribuir de maneira significativa para a aprendizagem e apropriação dos instrumentos de compreensão e interpretação leitora dos alunos. As estratégias desenvolvidas na sequência pretendem ajudar o aluno a compreender e a desvendar o sentido do texto literário, utilizando a capacidade crítica de julgar o que leu e armazenar as informações lidas.

A sequência didática será construída a partir das narrativas literária e cinematográfica do conto e filme homônimo, a saber, “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa e Nelson P. dos Santos, respectivamente.

O material didático apresentado será constituído de duas partes, sendo que na primeira, a aplicação das estratégias de leitura está em torno do conto: A outra margem do rio, e na segunda, o filme homônimo.

As estratégias de compreensão leitora estão expostas em cada uma das etapas da sequência didática, conforme apresentadas por Isabel Solé (1998), para antes, durante e depois da leitura. Está incluso também um passo a passo com sugestões de atividades e orientações para o professor que deve atuar como mediador no encaminhamento dos textos.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA – cinema X literatura

TEMA: O cinema como estratégia de leitura da literatura brasileira em A TERCEIRA MARGEM DO RIO

PUBLICO ALVO: alunos do 7º ano do ensino fundamental de 9 anos.

TEMPO ESTIMADO: 12h/a

OBJETIVO GERAL:

- Utilizar o cinema como estratégia de leitura das linguagens literária e cinematográfica.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Incentivar a leitura de obras literárias por meio da relação entre literatura e cinema na sala de aula.
- analisar (leitura e interpretação) a adaptação literária do conto “A terceira margem do rio” de João Guimarães Rosa, para o cinema, com o filme homônimo, dirigido por Nelson Pereira dos Santos.

CONTEÚDOS:

- Gênero textual: Conto - A outra margem do rio, de Guimaraes Rosa;
- Gênero textual: Cinema - A outra margem do rio de Nelson Pereira dos Santos;
- Leitura e interpretação das narrativas literária e cinematográfica.

METODOLOGIA:

- Exposição da proposta do plano de aula, indagando os alunos a respeito dos seus conhecimentos prévios sobre a temática proposta;

- Leitura e discussão do conto: “A terceira margem do rio”, seus contextos e suas especificidades;
- Exibição e do filme “A terceira margem do rio”;
- Análise crítica do filme “A terceira margem do rio”, sua conjuntura contextual e cinematográfica;
- Análise das semelhanças e diferenças entre as duas narrativas;
- Debate por parte dos grupos acerca da compreensão de elementos estéticos básicos de cada gênero textual, a saber, enredo, personagens, narrador, tempo, espaço, cenário;
- Reconstituição de outro possível desfecho para ambas as narrativas por meio da escrita e, posteriormente, da teatralização humana ou por meio de fantoches;
- utilização de um questionário para os alunos avaliarem a atividade e a própria aprendizagem.

RECURSOS UTILIZADOS:

- Papel A4;
- Cópia do conto “A terceira margem do Rio”, de Guimaraes Rosa
- Data show.
- Filme “A terceira margem do Rio” de Nelson Pereira dos Santos

AValiação:

A avaliação se dará de forma processual, de forma individual e coletiva.

PASSO A PASSO METODOLÓGICO

1. Questionário para sondagem dos conhecimentos prévios dos alunos;

Atenção, professor(a)!

A aplicação do questionário é o momento para verificar a relação dos alunos com a linguagem literária, audiovisual e com a leitura propriamente dita.

IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO

Nome _____

RELAÇÃO COM A LEITURA

1. Você costuma frequentar bibliotecas?

sim não

2. Você lê livros de:

romance ação/aventura drama

humor terror outros, especifique: _____

3. Qual a frequência com que você lê livros de literatura?

um livro por mês

dois livros por mês

seis a dez livros por mês

não leio

4. Você lembra o título do último livro que você leu?

sim não

5. Discorra um pouco sobre o último livro lido.

6. Você gosta de assistir filmes?

sim não

7. Você costuma ver filmes:

na televisão

no computador

no tablet

no smartphone

outro, especifique: _____

8. Você costuma ir ao cinema?

sim não às vezes outro, especifique: _____

9. Você vai ao cinema:

uma vez por mês

- uma a duas vezes por mês
- duas a quatro vezes por mês
- não vou ao cinema
- outro, especifique: _____

10. Qual é o tipo de filme que você gosta de assistir?

- romance ação/aventura
- animações comédia drama
- terror drama
- outro, especifique: _____

11. Você lembra o nome do último filme que assistiu?

- sim não

12. Comente um pouco sobre o último filme que assistiu. _____

2. Contextos e especificidades do gênero textual “conto” e do conto “A terceira margem do rio”;

Atenção, professor(a)!

Aqui você irá introduzir o assunto, de modo a integrar as ideias já passadas pelos alunos e embasá-los literariamente quanto ao gênero textual e posterior apreciação do conto “A terceira margem do rio”. Lembrando que, nesse artigo, há mais explanação a respeito do conto supracitado e sua contextualização.

O conto é um gênero textual literário que possui narrativa curta e tem sua origem da necessidade humana de contar e ouvir histórias. Passa por narrativas orais de povos antigos, trilhando pelos gregos e romanos, pelas lendas orientais, parábolas bíblicas, novelas medievais, até chegar a nós como é conhecido hoje.

A estrutura do conto é formada por situação inicial, desenvolvimento e situação final. Essa divisão é parte importante para composição do enredo. Dessa forma, na construção do conto, ocorrem os elementos da narrativa, que são: foco narrativo, verosimilhança, tempo e espaço. Pela necessidade de contextualização, o conto sofre diversas transformações ao longo da história, originando alguns tipos,

como: conto infantil juvenil, conto de ficção científica, conto de fadas e o conto fantástico.

O conto “A terceira margem do rio”: resumo e contexto

“A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa é um conto com uma riqueza de vozes, marcada pela imagem do próprio rio que ele descreve. Nesse enredo o leitor é levado para essa terceira margem, já que o discurso narrativo remete-se apenas a duas margens literais. A busca pela resposta de onde estaria a terceira margem, pergunta implícita no conto, pode ser interpretada pelos leitores em tempos e espaços diferentes. E o ilho, narrador também, permanece prisioneiro de suas próprias indagações, transportando-se para a terceira margem, incapaz de reconhecê-la. Esse conto surge em uma cultura pós-moderna e é marcado por um movimento emergente das margens. Esse contexto torna a narrativa de “A terceira margem do rio”, de *Primeiras Estórias*, publicado em 1962, ainda mais intrigante.

3. Conjuntura contextual e cinematográfica do gênero “cinema” e do filme “A terceira Margem do rio”;

Atenção, professor(a)!

Nessa parte, haverá a apreciação do filme “A terceira margem do rio”, logo após, assim como sobre o conto, você irá introduzir o assunto, sob a perspectiva audiovisual, com base nas concepções dos alunos, de maneira a contextualizá-los quanto à adaptação cinematográfica. Note que, nesse artigo, há mais explanação a respeito do filme supracitado e sua contextualização histórica.

Sinopse:

O filme brasileiro “A Terceira Margem do Rio”, (1994), do gênero drama, foi dirigido por Nelson Pereira dos Santos com roteiro baseado no conto homônimo do livro *Primeiras Estórias* (1962) de João Guimarães Rosa. No qual, um homem deixa sua família e amigos para viver isolado em uma canoa no meio de um rio, na região central do Brasil, e jamais volta a pisar em terra firme. Seu único contato com as pessoas acontece por meio de seu filho Liojorge, que lhe deixa comida na margem do rio. Os anos se passam e a filha Rosário casa com um rapaz da região e vai morar na cidade. O filho também casa, mas decide permanecer com a mãe e continuar levando diariamente o alimento para o pai, sem que ao menos pudesse

vê-lo. Quando Nhinhinha nasce, a filha de Liojorge que tem poderes mágicos, ele resolve levá-la até a beira do rio para apresentá-la ao pai.

4. Guia para análise das semelhanças e diferenças entre as duas narrativas (Literatura e cinema);

Atenção, professor (a)!

Peça para que o aluno escreva como cada personagem foi retratada no conto e no filme. Observar as diferenças e semelhanças entre o conto e a adaptação em relação ao enredo, espaço, tempo, bem como o formato de cada um, (não esquecer de chamar a atenção do aluno para observar a fotografia, a iluminação, a trilha sonora, os enquadramentos, as cores, os figurinos, a edição, isto é, os elementos que são próprios da linguagem cinematográfica e que não são encontrados no conto).

5. Questionário de aprendizagem:

1-Quanto tempo se passou entre a criação das narrativas literária e fílmica?

2-O que vocês podem visualizar a partir de cada uma delas?

3-Em relação aos personagens há muitas mudanças entre o conto e o filme?

4-A descrição do local é semelhante? Aponte as diferenças percebidas.

5-Quanto a narrativa, o que se percebe de semelhante no enredo de ambas narrativas?

6-No conto há a predominância de uma linguagem mesclada entre o regionalismo e a norma culta, qual a intenção do autor ao empregar essa linguagem? Há algum termo que você desconhece?

7-As duas narrativas mostram o enredo de uma família atravessada pela terceira margem do rio, na sua concepção o que vem a ser essa terceira margem?

8-Qual a apresentação da narrativa que mais lhe agradou e por quê?

9-Você acha que existe alguma intenção por parte dos criadores ao escolher as essas estruturas e características que foram usadas e os formatos?

6. Roteiro da atividade para reconstituição de outro possível desfecho para ambas as narrativas por meio da escrita:

Atenção, professor (a)!

Relembre aos alunos que os contos vem da tradição oral e como a cultura interfere no reconto dessas histórias populares. Dessa forma, cada povo e geração contam-

nos, à sua maneira, às vezes corrigindo ou acrescentando alguma coisa no enredo. Daí o provérbio: quem conta um conto aumenta um ponto...

Atividade:

Peça aos alunos que recriem um novo final para o conto e o filme, com base no momento vivido pela sua geração e sua cultura.

7. Roteiro para a atividade de teatralização humana ou por meio de fantoches;

Atenção, professor (a)!

Depois da realização e leitura da atividade anterior, organize os alunos em grupos, os quais deveram escolher um entre os desfechos e roteirizá-lo, juntamente com o restante da história, para uma apresentação que poderá ser teatral ou por meio de fantoches para toda a turma.

8. Roteiro para avaliar a atividade e a aprendizagem.

Atenção, professor (a)!

Os alunos irão avaliar entre si a melhor apresentação de acordo com os critérios preestabelecidos, a saber:

- Há a presença de um narrador? Qual a importância dele para o enredo?
- Há a presença de no mínimo dois personagens?
- Como se deu a demarcação de tempo (cronológico, psicológico) e do espaço em questão?
- Houve interpretação por meio da teatralização humana ou dos fantoches? A interpretação seguiu os passos da escrita do conto? Isso fez alguma diferença para a história? Justifique.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização da obra cinematográfica como acréscimo ao ensino da literatura, na função de estratégia da leitura dos clássicos, é uma das várias vertentes possíveis ao uso dessa mídia como objeto das margens. Torna-se, portanto, um instrumento não canônico e uma alternativa que adentra o espaço escolar, o que caracteriza a inserção de outros produtos culturais, que não o modelo hegemônico

de ensino, apenas com o uso da obra escrita. Nesse sentido, por meio dessa pesquisa, buscou-se o entendimento de como é possível a utilização dessa estratégia, em que se baseia e com qual finalidade ela se aplica.

Considerando todos os recursos de linguagem, a cultura da época, a diversidade presente e as construções literárias em si, vê-se que essa aplicabilidade se dá em movimento à interdisciplinaridade. Trabalhar as obras cinematográficas nas aulas de literatura está em um lugar de encanto, de deslumbre, de emoção e, para além de tudo isso, de ensino. Contudo, o uso da mídia cinema como auxílio, requer ainda mais organização do professor no planejamento, para que essa estratégia não recaia sobre um lugar comum e simplório da transmissão de conhecimento, mas possibilite o aumento da interlocução do aluno-sujeito que, a partir de sua própria realidade, faz sua leitura de mundo, abre os canais de comunicação e ampliam as possibilidades de escrita, de reflexão e criticidade.

Sobre o porquê, partimos de pressupostos da dificuldade da leitura da obra impressa. Assim, se a forma tradicional de produção de leitura e escrita enfrenta dificuldades, deve-se sempre refocalizar e ressignificar, e se a cinematografia pode instigar a busca pela leitura da obra impressa, a pergunta deveria ser, por que não? Soma-se a isso, o fato de que essa inserção proporciona a análise de diferentes aspectos de obras de arte distintas, a entender que o que ocorre é uma tradução intersemiótica e não apenas a roteirização de um outro gênero textual.

Sem contar o fato de, nos dias atuais, não se poder mais negar a inclusão das mídias tecnológicas no ensino, e de o cinema ser um dos muitos modos de expressão da cultura. Logo, cinema e educação mantêm relações suficientemente enfáticas no contexto da escolarização e da educação informal.

Apesar de tudo que foi explanado, é necessário que se trace um paralelo a essa situação, levando em consideração o fato de que há aspectos educacionais formais entre cinema e conhecimento que podem e devem ser explorados, para que não caia no lugar comum de uma simples utilização como estímulo audiovisual ou como artifício para preenchimento do tempo vazio das aulas.

É necessário falar que sim, é possível agregar ao meio educacional por meio da mídia cinematográfica, sobretudo, no que diz respeito a didática, as atividades que instigam a reflexão e que podem atuar no imaginário. É preciso que tudo isso parta de uma análise pautada nas culturas, e que ensejem discussões de

pensamentos históricos, literários, ideológicos, mercadológicos e políticos, entre outros, com vistas a proporcionar visões completas dessa mídia na educação.

É importante ressaltar sempre que a utilização do cinema nas aulas de forma que não se pretenda inovadora e eficaz no processo de ensino-aprendizagem, não se configura uma estratégia de ensino de literatura brasileira nem de estímulo à leitura. Sob este aspecto, o cinema, mais do que uma ferramenta educativa, constitui-se em alternativa para principiar novas formas de ver o mundo e o situar-se nele.

Enfim, com qual finalidade? De acordo com tudo o que foi analisado e estudado aqui, acredita-se que as mídias cinematográficas incentivam a leitura de obra literárias impressas. Entende-se que incentivar não é substituir, mas quando bem planejadas e organizadas dentro de uma proposta que envolva didáticas inovadoras, servem como importantes estratégias de ensino-aprendizagem.

Sabendo que o ensino deixou de ser baseado em teorias de simples memorização de conteúdo, tem sido cada vez mais necessária uma educação que oriente para a capacidade de leitura e compreensão do que foi lido e visto. Nesse sentido, o uso de obras cinematográficas só tem a agregar a maneira de ensinar a leitura, sobretudo, no âmbito da literatura e do próprio cinema, linguagens tão presentes no cotidiano das pessoas.

Salienta-se ainda, que os estudos aqui iniciados não pretendem fechar as variadas hipóteses, antes evidenciam pontos importantes, no que concerne à temática, e espera abrir espaço para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

A terceira margem do rio (1994). Direção: Nelson Pereira dos Santos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aye0VPN9B1Y>. Acesso em 25 jun. 2020.

ANTUNES, Irlandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

Ausubel, D.P. (2003). **Aquisição e retenção de conhecimentos**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas. Tradução do original The acquisition and retention of knowledge (2000).

BAGNO, Marcos. **A pesquisa na escola: o que é como se faz**. 21ª ed. São Paulo: Layola, 1998.

BARBERO, Jesús MARTÍN. **Heredando el Futuro. Pensar la Educación desde la Comunicación**. n. 5. *in* Nómadas, Bogotá, 1996, p. 10-22.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF, 1998^a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua portuguesa**. Brasília, DF, 1998b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (versão final)**. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 17 dez. 2021

CENTENO, Yanes Kalinka. **A Alquimia do Amor**. Lisboa: Regra do Jogo, 1986.

COLOMER, Teresa e CAMPS, Anna. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, [2002], 2011.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

CULLER, Jhonatan. **Teoria literária: uma introdução**. Tradução: Sandra Vasconcelos. São Paulo: Becca, 1999.

COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da Teoria: Literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

DINIZ, Thaís Flores Nogueira. Tradução intersemiótica: do texto para a tela. In. **Cadernos de Tradução**, número 3, Florianópolis, 1998. p. 313-338. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5390/4934>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

DOLZ, Joaquim, NOVERRAZ, Michèle e SCHNEYWLY, BERNARD. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. in. Gêneros orais e escritos na escola. Tradução e organização: Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas, SP. Mercado de Letras. 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: Leitores e Leituras**. São Paulo: Moderna, 2001.

MELO, José Marques de. e TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MORAN, José. **Desafios na Comunicação Pessoal**. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166.

MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário**. Lisboa: Grande plano, 1997.

NAPOLITANO, Marco. **Como usar o cinema na sala de aula**. 5ª Ed. São Paulo: Contexto, 2015.

PLAZA, Julio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

RIBEIRO, E. J. T. **Alfabetização cinematográfica e audiovisual**. *A Página*, Porto, ano 11, n. 112, p. 46, maio 2002. Disponível em: <<https://www.apagina.pt/?aba=7&cat=112&doc=8858&mid=2>>. Acesso em: 30 jun. 2020.

ROCHA, R. **O que é, afinal de contas, uma pesquisa?** In: _____. *Pesquisar e aprender*. São Paulo: Scipione, 1995. p.5-22.

ROCKWELLE, Enedine. Los usos escolares de la lengua escrita. In. FERREIRO, Emília (et al). **Nuevas perspectivas sobre los procesos de lectura y escritura**. México: Siglo XXI, 1982.

ROJO, R. H.R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In. _____. **Primeiras Estórias**, Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

TODOROV, Tzvetan. As estruturas narrativas. São Paulo: Perspectiva, 1969. Tradução de Leyla Perrone-Moisés.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, SP: Martins Fontes, [1982], 2010.

WELLEK, René. WARREN, Austin. **Teoria da Literatura: Publicações**. Europa. Américo. Biblioteca Universitária. s/d.